

## *Sebastianismo e sedição: os rebeldes do Rodeador na “Cidade do Paraíso Terrestre”, Pernambuco — 1817-1820*

*Jacqueline Hermann\**

Em seu belo artigo, “A sedução da liberdade”,<sup>1</sup> István Jancsó discute os “ensaios sediciosos” ocorridos nos últimos tempos de nosso período colonial, entre fins do século XVIII e a aurora do XIX, a partir do conceito de sedição. Segundo o autor, algo de novo surgia “para além de motins de soldados em razão do atraso no pagamento do soldo, dos saques aos armazéns por motivo de abastecimento insuficiente de gêneros, de revoltas contestando excessos fiscais ou, até, redefinindo hegemonias de abrangência local”.<sup>2</sup> Nessa nova conjuntura, a novidade é a sedição, entendida como “a ação organizada visando à revolução”, a partir de um conjunto de práticas de natureza subversiva que anuncia “a revolução desejada, o futuro anunciado, a política do futuro nos interstícios do presente”. Estava em questão, enfim, além da ne-

---

\* Professora do Departamento de História da UFRJ.

<sup>1</sup> István Jancsó, “A sedução da liberdade”, Laura de Mello e Souza (org.), *História da vida privada no Brasil*, vol. 1, Cotidiano e vida privada na América portuguesa, São Paulo, Companhia das letras, 1997, pp. 387-437.

<sup>2</sup> *Idem*, p. 388.

*Tempo*, Rio de Janeiro, nº 11, pp. 131-142.

gação do absolutismo monárquico, a “erosão de um modo de vida”, inserida no contexto mais amplo da crise geral do Antigo Regime.

Apesar de entender que, rigorosamente, somente os acontecimentos de Minas Gerais (1789) e da Bahia (1798) poderiam ser identificados como sedições, “na medida em que nestes se tratava de deliberada e organizada vontade de subverter a ordem pública e os padrões de organização do Estado”, Jancsó acredita que é difícil, nesse contexto, excluir outros episódios de contestação política<sup>3</sup> de um quadro mais amplo e complexo de vivências, diferenciadas de um difuso e nem sempre claro sentimento de inconformismo. O autor ressalta a importância de conjugar “o específico de cada resposta local” à crise estrutural do Antigo Regime português, de modo a não diluir o caráter explicativo dessas sedições, seja no genérico anticolonialismo nascente, seja no restrito localismo de situações particulares de cada caso.

No ápice desse conjunto de episódios de “ação organizada visando à revolução”, e posterior ao período desses “ensaios sediciosos”, temos a chamada “Revolução Pernambucana” de 1817. Para Carlos Guilherme Mota, autor de um trabalho já clássico sobre o tema, “na história do mundo lusobrasileiro, o movimento de 1817 representa o primeiro traço realmente significativo de descolonização acelerada e radical”,<sup>4</sup> com a exacerbação de comportamentos nativistas anticolonialistas e lusófbos, marcado ainda pela opção ainda pouco estruturada de um regime republicano. A tomada de Recife pelos insurretos, de 6 de março a 19 de maio de 1817, foi debelada com ferocidade e deixou alerta as tropas reais, que a essa altura guardavam a família real no próprio solo colonial.

Contemporâneo aos acontecimentos de Recife, surgia, na região do Bonito, distante 230 km da capital, uma reunião de sertanejos, liderados por dois ex-soldados do 12º Batalhão de Milícias, que deu origem àquela que foi chamada a Cidade do Paraíso Terrestre. Criada junto a uma laje considerada “encantada”, os sertanejos acreditavam que dela uma Santa orientava o par de “profetas” que estimulava o ajuntamento. Silvestre José dos Santos e

---

<sup>3</sup> O autor inclui nesse conjunto o caso do Rio de Janeiro, em 1794, quando alguns membros da Sociedade Literária do Rio de Janeiro foram acusados de propósitos sediciosos, e o episódio, que ficou conhecido como a “Conjuração dos Suassunas”, envolvendo três irmãos de uma importante família, Cavalcante e Albuquerque, acusados de idéias revolucionárias. Para referências básicas dos dois episódios, ver Ronaldo Vainfas (Diretor), *Dicionário do Brasil Colonial*, Rio de Janeiro, Objetiva, 2000, pp. 139-140 e 143.

<sup>4</sup> Carlos Guilherme Mota, *Nordeste:1817. Estruturas e Argumentos*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1972, p. 2.

Manuel Gomes recebiam as revelações de que sairia da pedra, “do lugar onde está uma Cruz, el-rei d. Sebastião com seu exército”, assim que a comunidade reunisse mil integrantes, transformando os dois líderes em príncipes; os pobres em ricos; trazendo a imortalidade e a felicidade.<sup>5</sup> Três anos depois, o movimento da Serra do Rodeador, como ficou conhecido, foi debelado pelas tropas lideradas pelo general Luiz do Rego Barreto, e a repressão deu origem a uma *Devassa*,<sup>6</sup> que ainda hoje aguarda análise mais aprofundada.

As características do movimento do Rodeador podem ajudar-nos a refletir e mesmo a tornar mais complexo o cenário de sedição de que vínhamos falando, permitindo algumas considerações sobre a possibilidade de pensá-lo como um “ensaio sedicioso” de novo tipo. A partir do conceito de sedição, proposto por Jancsó, a Cidade do Paraíso Terrestre poderia ser tomada apenas como uma revolta que mobilizou um número reduzido de homens — entre 200 e 400 no máximo — em nome do “viva o rei, morra o mau governo”, mas sem alterar os fundamentos da ordem e, ao contrário, buscando restaurá-los.<sup>7</sup> No entanto, se, no caso do Rodeador, a ordem monárquica não foi contestada, a legitimidade do rei d. João VI fora direta e explicitamente desafiada, demonstrando não inconfidência, infidelidade ao trono, mas, certamente, ao monarca.

O caráter messiânico do movimento e a expectativa em torno da volta de d. Sebastião filiam-no, de maneira inequívoca, ao sebastianismo, surgido em Portugal depois do desaparecimento do rei d. Sebastião, na fatídica batalha de Alcácer Quibir, em 1578. É ao mesmo tempo espantosa e desafiadora a sobrevivência da crença sebástica no sertão pernambucano, mais de três

---

<sup>5</sup> Dentre os poucos trabalhos sobre o movimento da Serra do Rodeador encontram-se René Ribeiro, “Episódio da Serra do Rodeador (1817-1820): um movimento milenar e sebastianista”, *Revista de Antropologia*, vol. 8, nº 2, São Paulo, dezembro de 1960 (agradeço a Leonarda Musumeci a cópia desse texto); F. A. Pereira da Costa, “O Folk-lore Pernambucano”, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tomo 70, parte II, 1907, pp. 33-44; Maria Isaura Pereira de Queiroz, *O Messianismo no Brasil e no Mundo* (2ª ed.), São Paulo, Alfa-Ômega, 1976; Leonarda Musumeci, “Bonito, Pernambuco, 1820 — A revolta sebastianista da Serra do Rodeador”, trabalho em fase de conclusão para o Doutorado em Antropologia, Museu Nacional, UFRJ.

<sup>6</sup> *Devassa acerca dos acontecimentos da “Serra do Rodeador”*. Governadores de Pernambuco. Correspondência com o Ministro do Reino 1820-21, Seção de Documentos, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Devo a Lauanne Macedo Fagundes e, sobretudo, a Juliana Ferreira Sorgine o cuidadoso traslado de parte da *Devassa* do movimento, depositado no Arquivo Nacional, Rio de Janeiro.

<sup>7</sup> Istvan Jancsó, *op. cit.*, p. 389.

séculos depois, sobretudo por suas características peculiares, quando confrontadas com outras manifestações sebastianistas já conhecidas. Tecida a partir da falta de notícias sobre o desfecho do embate, a expectativa sobre a volta de parentes, filhos e maridos certamente colaborou, naquela época, para o surgimento de uma crença, difusa e razoavelmente generalizada no reino, de que o rei, que liderara o exército nas areias do Marrocos, ainda estaria vivo e voltaria para restabelecer a ordem e a glória da dinastia de Avis. Bisneto de d. Manuel o Venturoso, d. Sebastião esteve à frente de um dos mais controvertidos reinados portugueses e sua derrota foi creditada à imprudência, à falta de preparo e, fundamentalmente, a suas fraquezas e defeitos pessoais.<sup>8</sup> Do ponto de vista político, a consequência mais grave da humilhante derrota católica para os filhos de Maomé foi a perda da independência, em 1580, e a anexação do reino à Espanha, dando início à União Ibérica, que só terminaria em 1640. Nesse longo período de sessenta anos, a crença sebástica só fez aumentar, tendo adeptos tanto entre homens de grei como em meio aos populares. No primeiro grupo, podemos destacar d. João de Castro,<sup>9</sup> neto do vice-rei da Índia, de mesmo nome, e primeiro a reescrever a história de vida de d. Sebastião, a partir de seu desaparecimento, inserindo no novo enredo aspectos explicitamente sagrados, e Antônio Vieira, jesuíta ilustre, que desafiou os inquisidores, ao defender a “História do Futuro”, tempo de fundação do Quinto Império do Mundo, comandado por um rei e com sede em Portugal.<sup>10</sup> Entre homens e mulheres do povo, o sebastianismo português de fins do século XVI à segunda metade do século XVII foi vivenciado de forma festiva pelos falsos reis, que tentaram fazer-se passar pelo monarca desaparecido,<sup>11</sup> e por visionárias, que encontravam d. Sebastião em viagens encantadas e aguardavam sua volta para a inauguração de um novo tempo.

Não é fácil, nem possível, estabelecer uma relação direta entre os primeiros momentos de surgimento da crença sebástica — claramente relaciona-

---

<sup>8</sup> Para uma análise do sebastianismo português, ver Jacqueline Hermann, *No Reino do Desejado. A construção do sebastianismo em Portugal, séculos XVI e XVII*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

<sup>9</sup> Cf. D. João de Castro, *Discurso da vida do rey Dom Sebastiam*, Fac-símile da ed. de 1603, Paris (Introdução de Aníbal Castro), Lisboa, Edições Inapa, 1994.

<sup>10</sup> Para uma análise mais detalhada do sebastianismo de d. João de Castro e do “joanismo” de Antônio Vieira, pois, para o jesuíta, seria d. João VI o Imperador do Quinto Império, ver Jacqueline Hermann, *op. cit.*, cap. 4.

<sup>11</sup> Entre 1584 e 1603, quatro falsos d. Sebastião procuraram tomar o lugar do rei desaparecido em Alcácer Quibir. Para uma análise desses casos e das visionárias, ver Jacqueline Hermann, *op. cit.*, cap. 5.

dos aos acontecimentos do século XVI — e o sentido do movimento da Serra do Rodeador, no início do século XIX. Se não há dúvida de que o essencial da espera messiânica régia se manteve intacto, suas motivações e o cenário que a fez desabrochar, no caso do Rodeador, foram certamente outros, para não falar das próprias características da espera e dos elementos constitutivos dos rituais, presentes na Cidade do Paraíso Terrestre. Mas, não obstante todos esses cuidados, o movimento da Serra do Rodeador foi, pelo menos ao que se sabe até o momento, a primeira manifestação coletiva e explicitamente sebastianista de nosso período colonial. Outros indícios de disseminação da crença sebastiana entre nós apontam o que poderíamos chamar de “chegada do sebastianismo ao Brasil”, desde fins do século XVI,<sup>12</sup> e, para citar dois exemplos mais conhecidos do século XVIII, tivemos o caso de Rosa Egpcíaca da Vera Cruz, que, de escrava e prostituta, se tornou beata e sonhava casar-se com d. Sebastião e fundar um Império, onde seria a imperatriz; e Pedro de Rattes Henequim, português que viveu vinte anos no Brasil e formulou suas “101 Teses”, defendendo ser o Brasil o lugar da fundação do Quinto Império do Mundo, fórmula mais sofisticada para designar o Paraíso Terrestre, retomado pelos sertanejos do Rodeador.<sup>13</sup>

O aspecto coletivo e insurgente dos habitantes da Cidade do Paraíso Terrestre nos remete ainda a outras considerações. Segundo Jean Delumeau<sup>14</sup> podem-se distinguir duas formas de interpretação dos textos proféticos, surgidas entre fins do século XV e início do século XVI: uma, que acreditava na promessa de mil anos de felicidade, e outra, que insistia no Juízo Final. Na primeira corrente, encontraríamos ainda métodos diferentes para lidar com a espera de um milênio de fartura e prosperidade — um conjunto de manifestações milenaristas dispensava o uso da força para a chegada do novo tempo; outro apostava na necessidade de apressar a chegada do milênio, usando para isso todos os meios disponíveis.

O sebastianismo português estruturou-se, pelo conjunto de manifestações já conhecidas, a partir da concepção pacífica da espera, inspirada na

---

<sup>12</sup> Ver, a respeito, “O sebastianismo atravessa o Atlântico”, Jacqueline Hermann, *1580-1600. O sonho da salvação*, Coleção Virando Séculos, São Paulo, Companhia das Letras, 2000, vol. 3.

<sup>13</sup> Para uma análise cuidadosa dos dois casos, ver Luiz Mott, *Rosa Egpcíaca — uma santa africana no Brasil*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1993, e Plínio Freire Gomes, *Um herege vai ao paraíso — Cosmologia de um ex-colono condenado pela Inquisição (1680-1744)*, São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

<sup>14</sup> Jean Delumeau, *História do Medo no Ocidente (1300-1800)*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989, pp. 207-209.

doutrina das três idades do monge calabrês do século XIII, Gioacchino de Fiore, ou Joaquim de Flora, segundo a qual à Idade do Pai, era do Antigo Testamento, se seguiria a Idade do Filho, tempo do Novo Testamento, e, finalmente, chegaria a Idade do Espírito Santo, tempo de uma nova ordem espiritual, momento de concretização do reino de Cristo sobre uma terra regenerada. Na outra vertente, adepta do uso da força, podemos encontrar nos seguidores de Thomas Müntzer, em 1525, na Alemanha, e nos anabatistas e nos *diggers* ingleses os maiores exemplos.

Quanto ao Rodeador, parece não haver dúvida de que se enquadra no conjunto de milenarismos insurgentes, novidade importante do sebastianismo sertanejo. Organizados a partir da liderança de dois desertores das milícias reais, toda a organização interna da comunidade misturava, de forma estreita, preceitos religiosos e disciplina militar. Foi graças à importância concedida ao movimento que, hoje, podemos tentar uma aproximação maior com o sentido e a estruturação da Cidade do Paraíso Terrestre. A devassa produzida pelas forças repressoras nos permitem conhecer até mesmo as estratégias usadas pelo comando militar para conhecer e destruir o ajuntamento do Rodeador, dentre as quais se destacou a infiltração de homens de dentro e de fora das forças legais na comunidade messiânica. Através desses relatos, pode-se saber como se preparavam para enfrentar a reação daqueles que não quisessem ingressar nas hostes de d. Sebastião. Vale dizer, no entanto, que “conhecer” o inimigo, para as tropas legais, não pressupunha nenhum tipo de negociação, pois o desbarate da insurreição era certo. O que reaparece aqui é o medo, disseminado pelos “ensaios sediciosos”, e, no caso do Rodeador, a supervalorização do perigo não pode ser desvinculada dos acontecimentos da “Revolução Pernambucana”, que o precederam. A confirmar essa estreita relação, ressalte-se a atuação do general Luiz do Rego Barreto, vindo diretamente de Portugal, nomeado por d. João VI para ocupar o lugar de marechal-de-campo, governador e capitão-general da Capitania de Pernambuco, em substituição ao almirante Rodrigo Lobo, chefe das forças legais que retomaram Recife dos insurgentes em 1817. A teia de questões políticas e militares que envolveram a atuação de Rego Barreto em Pernambuco, entre 1817 e 1820, ano da repressão ao Rodeador, apontam possibilidades extremamente ricas para o entendimento do cenário que envolveu o massacre dos seguidores dos “profetas” Silvestre José e Manuel Gomes e que ainda precisam ser mais bem conhecidas. A nomeação de um português para o comando da

capitania, que abrigara uma proto-revolução republicana, não pode ser tomada sem a devida importância na conjuntura final de nosso período colonial. O rigor e a ferocidade empregados no extermínio da Cidade do Paraíso Terrestre foram alvo de críticas severas dos inimigos políticos de Rego Barreto, na colônia e na metrópole, e deram origem a uma *Memória Justificativa*,<sup>15</sup> na qual o general afirmava ter agido contra desordeiros e salteadores, que ameaçavam a ordem e devastavam a província. Na *Devassa acerca dos acontecimentos da Serra do Rodeador*, aliás, Rego Barreto alude a seus inimigos, sem constrangimento,

(...) que em toda a parte, e em toda a ocasião se tem abertamente oposto a mim, chegando a sua delirante vaidade a dar-se como moderador das minhas imprudências: isto he chegar as cousas ao ultimo estado. Nem V.Excia cuida que esgote aqui todo o Cálix da Amargura, que estes dois Magistrados me tem dado a beber; fica muito por narrar, e nem mesmo pretendo agora chamar a atenção de V. Excia á alliciação, que ambos quizerão fazer ao Juiz de Fora chamando-o a si, e persuadindo-o a assinar calumnias contra a minha pessoa e governo (...),

referindo-se diretamente aos Ouvidores de Recife e Olinda.<sup>16</sup>

A multiplicidade de aspectos a serem considerados na análise da estrutura e do sentido político, social, religioso, militar e cultural do Rodeador ainda está longe de nos permitir uma interpretação mais geral do movimento. No que toca especificamente à reflexão proposta neste rápido artigo — a possibilidade de pensar o movimento da Serra do Rodeador no conjunto das sedições que anunciavam a ruptura dos laços coloniais — podem-se adiantar algumas considerações, procurando-se estabelecer algumas comparações. O projeto insurgente e armado do movimento marca, como já apontado, uma distinção importante em relação ao conjunto de manifestações sebastianistas mais conhecidas. Segundo os depoimentos reunidos na *Devassa*, toda a arregimentação e o aliciamento de adeptos partiam do pressuposto da necessidade da guerra para o alcance da felicidade eterna. As terras que ocupavam pertenciam ao sargento de ordenanças João Francisco da Silva, que se associou a Silvestre José dos Santos para a fundação da Cidade do Paraíso Terres-

---

<sup>15</sup> *Memória Justificativa sobre a conduta do marechal-de-campo Luiz do Rego Barreto durante o tempo em que foi governador de Pernambuco, e presidente da Junta Constitucional da mesma província. Oferecida à nação portugueza*, Lisboa, Tipographia de Desiderio Marques Leão, 1822.

<sup>16</sup> *Devassa*, fôlio 29, verso.

tre, tendo ainda a proteção do comandante do Distrito de Bonito, Manuel Bezerra.

Os depoimentos reunidos na *Devassa* foram recolhidos depois do desbarate do arraial, ocorrido na madrugada de 25 de outubro de 1820, e da prisão de diversos integrantes do grupo. Em 30 de outubro, dirigindo-se ao rei, Rego Barreto escreveu:

Está tudo concluído: espero aqui brevemente as tropas, presos e feridos. Hum Ministro hirá tirar a devassa competente, o povo está admirado da maldade, e do perigo que lhe estava sobranceiro; e gostoso de ver que nada mais tem que recear. Todas as providências para o bom tratamento dos feridos estão dadas. Nada nos falta.<sup>17</sup>

Depois da prisão de diversos integrantes do grupo e da “acomodação e distribuição”<sup>18</sup> de várias mulheres e crianças, começaram os depoimentos. Um deles foi o do cunhado de Silvestre, Antônio Pereira, ex-alferes, que, em seu relato, dissera que antes de entrar para o Rodeador o “Profeta” lhe perguntara se “tinha animo de se ver entre chuva de pólvora e bala” para “conquistar a Casa Santa de Jerusalém e o Paraíso Terreal e a destruir a todos aqueles que se oppossem a tão sagrado fim pugnando pela Ley de Deos para o que se devião reunir bem armados, e que elle avista de tantas venturas acceitou”. Em seguida, seu “cunhado lhe mandou ensinar hum grande numero de orações (que elle recitou e que por serem cheias de superstições nos não transcrevemos), e depois continuou a trabalhar com elle a bem do santo fim a que se tinham proposto”. Antônio Pereira disse não saber ao certo quantas pessoas viviam na “Cidade”, mas acreditava que havia mais de 200, sendo muitas mulheres e crianças, e afirmou não ter participado das cerimônias religiosas que se realizavam todas as noites.<sup>19</sup> Afirmara ainda que as doações, feitas pelo sargento João Francisco da Silva, aconteceram porque “Pro-

<sup>17</sup> *Devassa acerca dos acontecimentos da Serra do Rodeador*, fôlio 30.

<sup>18</sup> Segundo o general Luiz do Rego Barreto, “(...) há hum numero extraordinário de mulheres, e mininos: excepto os pertencentes aos cabeças, e aos que mais criminosos fossem, mando que os restantes e seus filhos escolhão domicilio; e que tomada a Lista de seus nomes sejam recommendados aos Commandantes Militares, e auctoridades civis, para que vigiem o seu procedimento e por elles respondão. Os meninos sem pais ordeno que venham para esta: os machos e de idade capaz os colocarei em hum estabelecimento, que tenho feito no trem, aonde aprendem officio quarenta meninos infelices, o qual muito progride, e tem ja muitos que serão em breve bons artesaes; e as femeas ou machos muito pequenos serão distribuidos por familias, ás quaes eu dou exemplo tomando hum ou dois”, *Devassa*, fôlio 30.

<sup>19</sup> *Devassa acerca dos acontecimentos da Serra do Rodeador*, fôlio 24.

curadores de Jesus Christo assim o tinham ordenado em nome da Santa Milagrosa”.

No depoimento do Capitão da Comissão e Comandante do 12º Batalhão de Milícias, Manoel José de Castro, do qual Silvestre e Manuel Gomes haviam desertado, contou que,

(...) estando já um preso em poder da escolta, que era de dezesseis homens, comandada por um Alferes, não obstante isso, fôra atacado e o preso foi tirado, e deo hum tiro, antes de ser preso, com que ainda ferio hum soldado, isto he, nao chegou a ferir o soldado, esse foi queimado pelo facto, ou vestuario, e sendo nesta ocasião preso, chegara o pai deste desertor e o tirara á escolta, estando este armado de bacamarte.<sup>20</sup>

Um dos espias que enviou para o Rodeador dera parte ao capitão de que

(...) no dito sitio havia o melhor de setenta homens todos armados, e cada hum com quatro armas, huma espingarda ou bacamarte, huma pistolla, huma parnahiba, e huma faca de ponta; que ninguem ali podia entrar, sem que eles o permitissem, e o espia foi preciso dizer, que hia alli, para para entrar naquella sociedade, e depois de alli se conservar por algum tempo, vio que de noite faziao os seus ajuntamentos, rezavao as suas oraçoens, e depois faziao as suas marchas, e exercicios, tinhao Ferreiro ou Espingardeiro, que compunha as armas, e dizia que aquella sociedade era mandada estar alli por Deos, pois que El Rey Dom Sebastiao havia alli aparecer, e he que era o verdadeiro Rey, e toda aquela sociedade estava pronta para o deffender, que todos os que alli estavam seriao muito felizes, e que elles se compadeciao da infelicidade, dos que não estavam naquella sociedade, por que eram infelizes por força (...).<sup>21</sup>

Esses e muitos outros depoimentos informam claramente do projeto bélico-messiânico que alimentou a organização e a resistência dos sertanejos da Cidade do Paraíso Terrestre. A expectativa sobre a conquista da felicidade eterna e sobre a necessidade da luta armada, apara atingir o objetivo esperado, encontrou no Rodeador outras motivações, além das estritamente religiosas. Por mais que, no momento, seja difícil decifrar com exatidão os significados da espera e da luta pela volta de d. Sebastião, em pleno sertão nordestino, às vésperas da independência, o contexto que ensejou o surgimento de um movimento como esse, pelo pouco que se pode perceber através dos

---

<sup>20</sup> *Idem*, fôlio 37.

<sup>21</sup> *Idem*, fôlio 37 e verso.

fragmentos documentais, nos permite levantar algumas questões de ordem política e militar.

O fato de a Cidade do Paraíso Terrestre ser comandada e fundada por desertores, o que parece ser verdadeiro também para boa parte de seus componentes, abre a possibilidade de pensarmos a sedição sebastianista do Rodeador a partir da recusa desses homens de participarem das tropas militares de um rei do qual não se sentiam mais súditos. Exemplo maior desse componente de resistência ao alistamento aparece em depoimento de outro espia, que, depois de informar sobre os rituais religiosos e armados, dos quais participavam os líderes Silvestre José e Manuel das Virgens — “estavao de joelhos com as espadas na mão, e faziao humas cruces, e batiao tres vezes com as espadas, dizendo varias palavras” — afirmava que

(...) se promettia huma felicidade immensa, á quem alli entrasse, e lamentavao a infelicidade dos que estavao de fora da mesma, que quem alli estivesse, podia estar seguro, e livre de tudo, e que ninguem governava sobre elles so Deos, e El Rey Dom Sebastiao, e a Senhora, e que não temiao, nem obedeciao a mais ninguem, e que hum dia havia dalli e hirem, e marcharem, em quanto estivessem em terra firme, e fariao, que todos obedecessem, e seguissem aquella Santa Ensinuação, e que nao haveriao mais milicianos, nem soldados da Primeira Linha, e que tudo se havia acabar, em elles sahindo daquelle sitio, que ja aquella sociedade tinha para cima de cento e cinquenta homens, e bem armados (...).<sup>22</sup>

O problema ou a frequência da deserção é, entretanto, questão que ultrapassa muito os limites do Rodeador e, mesmo, de Pernambuco. Jancsó cita, referindo-se à “Conjuração dos Alfaiates”, o caso do soldado do Regimento dos Granadeiros, Luís Gonzaga das Virgens e Veiga, que, entre 1786 e 1791, desertou três vezes, estando, em 1798, na lista dos envolvidos na sedição da Bahia. A disciplina do ofício, o soldo reduzido, as disposições que definiam as normas da vida de soldado, as prisões, o perigo dos cercos a criminosos e o despreparo das tropas faziam crescer o desinteresse pela carreira e abriam brechas para a reiterada desobediência, que apontava, por fim, para a fragilização dos laços de vassalagem que ligavam esses homens ao rei.<sup>23</sup>

A partir desses rápidos indícios, pode-se perceber a complexidade do caso do Rodeador, no qual o cruzamento do mito do Encoberto, de longuíssima duração, se conjugou às questões específicas de um contexto militar e

---

<sup>22</sup> *Idem*, fólio 40, grifo meu.

<sup>23</sup> István Jancsó, *op. cit.*, pp. 395-397.

politicamente explosivo. Se é necessário inserir os “ensaios sediciosos” e a “Revolução Pernambucana” no quadro mais amplo da crise do Antigo Regime e, ainda, da especificidade da situação portuguesa na conjuntura de expansão napoleônica, que trouxe a família real para o Brasil, deve-se tomar o caso do Rodeador como parte desse conjunto mais amplo de acontecimentos, que marcaram o processo de independência. Ou, ainda, de fragilização da legitimidade de um rei que não mais conseguia manter-se como o guardião da justiça e da ordem. Os acontecimentos da “Revolução Pernambucana”, o recrutamento forçado e, talvez, o estímulo dos insurgentes de Recife são partes indissociáveis do processo que fez surgir a Cidade do Paraíso Terrestre. Mas se os revoltosos de 1817 pregaram o fim do antigo sistema e ensaiaram um modelo republicano, inspirado na Independência Americana ou na Revolução Francesa, os adeptos do Rodeador viveram esse momento de incerteza investindo na expectativa da volta de um rei Encoberto, guardado em uma pedra encantada e prestes a salvá-los da dor e da miséria. Não desprezavam a existência de d. João VI, mas afirmavam que “querendo el rey dom João 6º seguir el rey dom Sebastião ainda el rey dom João 6º havia ser bem premiado por dom Sebastião”,<sup>24</sup> este, sim, considerado legítimo e justo.

Motim de soldados que se entendiam integrantes do exército de d. Sebastião e defensores da monarquia, os homens e as mulheres da Cidade do Paraíso Terrestre sonhavam com a fartura, a imortalidade e a felicidade eterna, e anunciavam, tal como as sedições apontadas por Jancsó, “a revolução desejada”. No caso do Rodeador, era o próprio rei o Desejado, mas não menos revolucionário o resultado: pregavam a inversão da ordem e a transformação dos líderes em príncipes, dos pobres em ricos, e desafiavam, armados, a todos, desde as autoridades locais ao próprio rei, submetendo-se apenas a uma hierarquia sagrada, com a mesma disciplina que aprenderam nas milícias.

A relação direta e estreita entre a vivência de uma religiosidade fortemente marcada por um catolicismo depurado de abstrações e uma severa disciplina militar e hierárquica, que separava homens e mulheres nas cerimônias, e onde havia um grupo de “procuradoras da honestidade das mulheres”, desautoriza qualquer interpretação simplista que associe os populares a licenciosidades e a libertinagens sexuais. A rígida organização interna do movimento, onde havia dois chefes, ou os “procuradores de Jesus Christo”,

---

<sup>24</sup> *Devassa*, fólio 92.

quatro capitães e quatro alferes, além de “procuradores de homens e mulheres” revelam uma racionalidade híbrida, que agrega e reinterpreta símbolos e representações católicas, militares e aspectos organizacionais de irmandades a uma forma muito própria de esperar pela volta de d. Sebastião.

Muitos outros aspectos citados na *Devassa* merecem estudos mais aprofundados e apresentam características novas em relação às manifestações sebásticas populares, observadas em Portugal nos séculos XVI e XVII. A casa, ou templo de palha, decorada com várias imagens, onde ocorriam os rituais restritos aos homens; a música, ouvida na pedra, onde estaria d. Sebastião; a litolatria; a confissão à Santa, ajoelhados e armados, e a passagem em revista das armas, em manobras diárias e regulares, dentre outros elementos, tornam o movimento sebastianista da Serra do Rodeador um estudo de caso onde micro e macro-história se devem combinar, para que consigamos compreender um pouco melhor o sentido da busca do Desejado para aqueles miseráveis sertanejos.

Órfãos de um rei encantado e de um país imaginário, os sertanejos do Rodeador exprimiram na Cidade do Paraíso Terrestre uma face importante dos impasses vividos pelos deserdados da Colônia, às vésperas da Independência. Podem ser vistos, assim, como integrantes de uma “sedição régia” ou de uma dissensão sebastianista, reatualizando o fantasma que continuava a assombrar a monarquia portuguesa.